

PORTUGUÊS

PORTUGUÊS

Texto para as questões de números **20** a **25**.

ALEX: Creio que o que a Leila falou e o que nós estávamos discutindo antes sugerem duas conclusões relevantes. A *primeira* é a de que o bem-estar não é necessariamente função da satisfação de um número maior de desejos ou preferências (para usar o termo caro aos economistas). E a *segunda* é a de que as pessoas não sabem ao certo o que desejam e, o mais grave, elas podem estar sistematicamente equivocadas acerca do que poderia torná-las mais felizes. Se isso é verdade, então o indivíduo não seria invariavelmente o melhor árbitro daquilo que é melhor para si, e isso mesmo do ponto de vista estreito do seu bem-estar subjetivo. Adam Smith, pelo que o Melo mostrou, não discordaria.

Considere por exemplo, para efeito de raciocínio, duas situações hipotéticas: A e B. Na situação A: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela é fiel, mas ele acredita que ela não seja. E na situação B: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela não é, mas ele acredita que ela seja. Em A, o desejo de Bentinho está sendo objetivamente satisfeito, mas ele não é feliz – é o inferno dos tolos. Ao passo que em B o seu desejo não está sendo satisfeito, mas ele é feliz – é o paraíso dos tolos. A percepção nem sempre é o fato; mas isso em nada desabona *o fato da percepção*. No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo. O que é preferível, A ou B?

MELO: Desculpe, Alex, mas não resisto. Vocês conhecem a definição de felicidade dada por Jonathan Swift? Ela é "a posse perpétua da condição de estar bem enganado; o estado pacífico e sereno de ser um tolo entre canalhas".

Pobre Bentinho...

(Eduardo Giannetti, *Felicidade*.)

20

O tema desse texto é a felicidade dos seres humanos.

- Com o que Adam Smith concordaria?
- Qual o papel da percepção na posse da felicidade?

Resolução

- Adam Smith (1723-1790), o grande economista inglês, concordaria, segundo o texto, com a idéia de que o indivíduo nem sempre pode julgar adequadamente o que é melhor para si, mesmo que se trate apenas de sua satisfação subjetiva. (Cf. final do parágrafo 1.)

- b) A percepção, corresponda ela ou não à realidade, é decisiva para que se chegue à felicidade, conforme o argumento desenvolvido no segundo parágrafo do texto.

21

A partir das idéias expostas por Alex,

- a) o provérbio "longe dos olhos, longe do coração" poderia ser associado à temática do texto? Por quê?
b) Por que motivo Melo acrescentou a citação de Jonathan Swift ao raciocínio de Alex?

Resolução

- a) *Sim, porque o provérbio significa que não sentimos (está "longe do coração") aquilo que não percebemos (o que está "longe dos olhos"). Segundo o texto, o que não percebemos não obsta a nossa felicidade, como no exemplo do marido traído mas feliz, por não ter consciência da traição.*
b) *A citação de Swift se deve à conclusão de Alex sobre a importância do "fato da percepção" na obtenção da felicidade. Assim, o decisivo para sermos felizes não seria o fato real, mas o fato tal como o percebemos, não importando que se trate de percepção equivocada. Daí decorre a conclusão cínica de que ser feliz é estar "bem enganado".*

22

Considere a frase: *No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo.*

- a) O que sugere a expressão metafórica *ardiloso tabuleiro da busca da felicidade*?
b) O que significa "virar o jogo"?

Resolução

- a) *Sugere que a busca da felicidade é semelhante a um jogo complicado, cheio de armadilhas (ardis).*
b) *Significa fazer um lance que altera radicalmente a situação dos jogadores, fazendo que o perdedor passe à situação de vencedor. No caso da busca da felicidade, "virar o jogo" seria sair da situação de infelicidade para a de felicidade ou vice-versa.*

23

O texto usa como exemplo a situação vivida por Bentinho e Capitu, no romance *Dom Casmurro*, de autoria de Machado de Assis.

- a) A que estilo de época pertence esse romance?
b) Cite uma outra obra de Machado de Assis pertencente a esse mesmo estilo de época.

Resolução

- a) *O romance Dom Casmurro é exemplo do Realismo na literatura brasileira.*
b) *Machado de Assis é considerado o iniciador do Realismo no Brasil, com Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), sendo considerados realistas*

todos os seus romances posteriores a esse: Quincas Borba, Esaú e Jacó, Memorial de Aires, além do mencionado Dom Casmurro.

24

Leia os textos extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

O capítulo que se segue diz respeito à personagem Ezequiel.

CAPÍTULO 132 – O DEBUXO E O COLORIDO

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, (...) a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. Li a carta, mal a princípio e não toda, depois fui lendo melhor. Fugia-lhe, é certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-me, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos. Quando novamente abria os olhos e a carta, a letra era clara e a notícia claríssima.

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume.

CAPÍTULO 40 – UMA ÉGUA

A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento, se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa credence nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre. (...)

O primeiro texto descreve a angústia de Bentinho, ao perceber a semelhança entre seu filho Ezequiel e o amigo Escobar. Bentinho achava que Escobar o teria traído com Capitu, sua mulher, e que o amigo seria, portanto, o verdadeiro pai da criança. O segundo texto é uma confissão de Bentinho a respeito de sua gigantesca capacidade de imaginar.

- A comparação entre os dois textos permite concluir se houve ou não traição? Por quê?
- Em qual dos dois textos, a percepção leva à infelicidade? Por que a percepção conduz a esse estado?

Resolução

- A comparação entre os dois textos não permite

concluir se houve ou não traição, porque toda a confissão de Bentinho aparece na primeira pessoa; ele, muito subjetivamente, dá a sua versão dos fatos. Além disso, Bentinho declara que “a sua capacidade de imaginar é gigantesca”: “a imaginação foi a companheira de toda a minha existência...”. Portanto, o que ele dá como realidade poderia não ser mais do que a sua percepção equivocada dos acontecimentos: Capitu poderia ter sido fiel e ele, uma vítima infeliz da “égua ibera” de sua fantasia.

- b) No primeiro texto é que se acompanha o movimento da percepção de Bentinho a elaborar a versão dos fatos que seria a razão de sua infelicidade. No fragmento transcrito, a personagem aparece em pleno ato de perceber (ou imaginar) como as coisas se teriam passado entre sua mulher e seu amigo, a partir das semelhanças (reais ou imaginárias) entre o amigo e seu filho, Ezequiel.

25

Leia o seguinte poema de Fernando Pessoa:

*Quase anônima sorris
E o sol doura o teu cabelo.
Por que é que, pra ser feliz,
É preciso não sabê-lo?*

- a) O que é que não se precisa saber para ser feliz, segundo o poema?
b) O que, no nível temático, há de comum entre esse poema e o texto inicial de Giannetti sobre a felicidade?

Resolução

- a) Segundo o poema de Fernando Pessoa, para ser feliz é preciso não saber que se é feliz, ou seja: a felicidade depende da inconsciência de quem é feliz relativamente a seu estado de felicidade.
b) Nos dois casos – no texto de Giannetti e no poema de Pessoa – o assunto é a relação entre a felicidade e a consciência, seja a consciência (verdadeira ou falsa) dos fatos de que depende a felicidade (Giannetti), seja a consciência (ou inconsciência) da própria felicidade (Pessoa).